

O ENSINO DA CONTABILIDADE

Luiz Carlos dos Santos *

Não basta ter domínio de conteúdo em determinado campo do saber para qualificar-se como professor. O exercício do magistério requer, além da segurança no conteúdo específico, domínio do instrumental didático-pedagógico. Desde 1982, quando ingressei na docência superior, tenho me dedicado a essa questão, que acredito ser de capital importância no processo ensino-aprendizagem. Já em 1983, fui cursar uma licenciatura plena; e, em 1987 cumprira mestrado em Educação. O objeto de minha investigação foi a Avaliação do Ensino de Contabilidade.

A Universidade forma o profissional na direção de uma função definida na sociedade, mas essa mesma academia ainda não envidou esforços na perspectiva de alternativa curricular para subsidiar o economista, o engenheiro, o médico, o contador, que um dia retornarão à universidade como docentes. O reflexo resultante desse descuido de pré-requisito didático-pedagógico, muitas vezes limitando-se a uma aula prática como etapa de concurso para magistério, o contador-professor, salvo raras exceções, faz da docência contábil um ensino condicionado, abandonando o raciocínio dos meios.

J. C. Marques (1977) afirma que “conhecer por conhecer, não basta” e que uns dos objetivos da educação é desenvolver atitudes de ação racional e a habilidade de usar o método científico para as decisões que virão a tomar em sua atitude profissional, bem como proporcionar aos estudantes recursos de conhecimentos essenciais que os tornem capazes de ação inteligente nos problemas e situações que vierem a enfrentar. Segundo Maria Imaculada de A. Curi (1992), “o ensino condicionado da Contabilidade impede o raciocínio dos meios, o entendimento da lógica dos fins e, conseqüentemente, chegar ao conhecimento do resultado”. Esse descompasso pode ser corrigido, de acordo com essa autora, quando houver preocupação em despertar o professor de contabilidade para a necessidade e importância de um preparo didático-pedagógico, onde passará da superficialidade à densidade do ensino.

* Publicado no Jornal A Tarde, Salvador, Caderno Local, p. 6, Edição de 19 dez. 2001 e na Conhecer - Revista Técnico-Científico da contabilidade & Outras Ciências Sociais Aplicadas, Departamento de Ciências Humanas - Campus I / Universidade do Estado da Bahia - UNEB, Salvador, n. 1, p. 48-49, maio/2002.

No entendimento de Curi, condicionar o ensino é transmitir ao aluno “frases feitas”, do tipo: tudo que entra é débito e tudo que sai é crédito; aumento de Ativo, debita-se; redução do Ativo credita-se; aumento do Passivo credita-se; redução do Passivo debita-se; debita-se caixa quando se recebe e credita-se quando se paga; toda despesa é debitada e toda receita é creditada.

Condicionar o ensino é, pois, fazer com que o estudante chegue aos fins sem racionar sobre os meios, levando-o ao “como fazer”, sem saber “por que fazer”. Simulando uma situação prática, pode-se analisar como se dá uma efetiva aprendizagem partindo concomitantemente do “por que fazer” ao “como fazer”. Sair, pois, da superficialidade do ensino é, principalmente, levar o aluno à faculdade de pensar, de raciocinar. Nessa linha de ensino, os alunos se libertarão da linguagem que revela somente o predomínio do pensamento concreto (como fazer), para uma familiaridade com níveis de abstração científica (por que fazer), tornando-se capazes de inferir, pelo raciocínio, onde a teoria passará a ter sentido para eles, levando-os aos resultados-fins, pelo caminho da lógica e do conhecimento.

Portanto, o domínio do instrumental didático-pedagógico no magistério contábil é extremamente relevante para a ação educativa. A didática, os métodos, as técnicas, os procedimentos empregados no processo ensino-aprendizagem, tornam o ensino mais prazeroso, mais eficaz, assim mais efetivo, facilitando a chegada ao conhecimento ou à demonstração de uma verdade. Dentro de uma metodologia - caminho para se chegar a um fim -, pode-se usar vários instrumentos ou ferramentas de ensino. Conhecendo bem os seus alunos e dominando o instrumental didático-pedagógico, o professor poderá determinar qual o método ou conjunto de métodos que poderão ser aplicados no processo de ensino. Por outro lado, seja qual for a metodologia, o docente deverá sempre propiciar que “a chama da motivação” do aluno permaneça acesa.

Segundo José Carlos Marion (2001), os docentes da área contábil podem utilizar vários métodos ou instrumentos, dependendo da temática a ser enfocada. Dentre eles: aula expositiva; aula expositiva-participativa; estudo de caso; seminário; projeção de fitas; jogo de empresas; dissertação ou resumo; excursões e visitas; resoluções de exercícios; discussão com a classe; simulações; ciclo de palestras; aulas práticas; estudo-dirigido; teatro (dramatização); uso da internet; auto-estudo, sempre buscando um perfeito ajustamento à característica do público alvo.

Finalmente, cabe salientar na ação educativa a avaliação, algo também importante, que mede o resultado, porém requer bastante habilidade do professor. Avalia-se o aluno sob dois aspectos: o processo e o produto. Avaliar o processo implica uma observação do professor quanto ao desempenho dos estudantes no decorrer do trabalho. Quanto ao produto ou resposta, avalia-se a qualidade, levando em consideração o grau de coerência entre os princípios teóricos explicitados e as alternativas de solução propostas. Na avaliação do produto final, deve-se observar o caráter prático onde a teoria deve subsidiar a solução do problema real, ou seja, o resultado não deve ser um estudo teórico e, sim, um estudo onde a teoria fundamente a prática.

Referências

CURI, Maria Imaculada de A. **O Ensino da Contabilidade**: raciocínio dos meios.

_____. **Revista Reflexão Contábil**. Maringá, UEM, ano II, p. 9-12, mai.-jun./1991.

MARION, José Carlos. **O Ensino da Contabilidade**. São Paulo: Atlas, 2001.

MARQUES, J. C. **Educação**: objetivos. São Paulo: Cultrix, 1997.